

PALAVRA QUE PODE FERIR: O TERMO *BULLYING*  
EM DICIONÁRIOS DE LÍNGUA INGLESA E NA IMPRENSA DO BRASIL

Marcos Aurélio Barbai

**RESUMEN.** Este artículo tiene por objeto una reflexión acerca del fenómeno del *bullying* desde la ciencia del lenguaje, en el análisis de discurso. Queremos observar como esta palabra es definida y circula en la sociedad. Para ello, hicimos un análisis del término *bullying* en tres diccionarios de la lengua inglesa y su empleo en la prensa brasileña. Desde nuestra óptica, además de un fenómeno y un juego de ofensa y poder, así en la escuela como en el ambiente de trabajo, es una práctica del lenguaje que busca, a través de la palabra, herir a alguien. Nosotros tuvimos en cuenta el *bullying*, en nuestra reflexión, desde el análisis de los diccionarios, como una escena enunciativa pragmática, cuya actividad de lenguaje es dominar y golpear a alguien identificado como un individuo débil. Se trata de un mecanismo social, histórico, político, ideológico y simbólico de violencia. Para nosotros, el uso del termino en ingles, en la lengua portuguesa, no es una forma lexical de neologismo. Consideramos que el acto de enunciación del termino *bullying*, en Brasil, sea un acontecimiento discursivo, que implica la confrontación del simbólico y el político.

*Palabras clave:* *bullying*, lenguaje, enunciación, diccionario, prensa, violencia.

**ABSTRACT.** The aim of this article is to reflect the phenomenon of bullying from the science of language, in discourse analysis. We want to observe how this word is defined and circulate in society. For this we analyze the term *bullying* in three dictionaries of the English language and its use in the press of Brazil. In our view, the bullying, as well as a phenomenon and a game of offense and power, both in school and in the workplace, is a language practice which seeks, with the word, hurt the other. We consider bullying in our thinking, from the analysis of dictionaries, like a utter pragmatics scene, whose language activity is dominate and coerce the other identified as a weak individual. It is a mechanism of social, historical, political, ideological and symbolic violence. For us, the use of this term of English, in Portuguese of Brazil, is not a case of lexical neologism. Consider the utterance of the term *bullying* in Brazil a discursive event, implying the symbolic confrontation with the political.

*Keywords:* bullying, language, utterance, dictionary, press, violence.

**RESUMO.** O objetivo deste artigo é refletir o fenômeno do *bullying* a partir da ciência da linguagem, na Análise de Discurso. Queremos observar como essa palavra é definida e circula na sociedade. Para isso analisamos o termo *bullying* em três dicionários de Língua Inglesa e seu uso na imprensa do Brasil. Na nossa ótica, o *bullying*, para além de um fenômeno e um jogo de ofensa e de poder, tanto na escola quanto no ambiente de trabalho, é uma prática de linguagem em que se procura, com a palavra, ferir o outro. Consideramos o *bullying*, em nossa reflexão, a partir da análise dos dicionários, como uma cena enunciativa pragmática, cuja atividade



*Signo y Señá*, número 27, junio de 2015, pp. 89-106

Facultad de Filosofía y Letras (UBA)

<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>

ISSN 2314-2189

de linguagem é dominar e violentar o outro identificado como um indivíduo fraco. Trata-se de um mecanismo social, histórico, político, ideológico e simbólico de violência. Para nós, o uso desse termo do inglês, no português do Brasil, não é um caso lexical de neologismo. Consideramos a enunciação do termo *bullying*, no Brasil, um acontecimento discursivo, o que implica o confronto do simbólico com o político.

*Palavras-chave:* *bullying*, linguagem, enunciação, dicionário, imprensa, violência.

“Há uma contradição entre mundo e linguagem  
e a ideologia é trabalho desta contradição”  
(Eni Orlandi, *Interpretação*)

Meus inimigos falam mal de mim: “Quando vai  
morrer e desaparecer o nome dele?”  
(Salmo 40, 6)

**1. INTRODUÇÃO.** O *bullying*, comumente associado a um comportamento ou a uma situação de violência, em que se maltrata e agride alguém verbalmente e de maneira jocosa, por um período prolongado de tempo, é uma questão que tem motivado o trabalho de pesquisadores de vários países e de diversos campos do saber. Assim, educadores, juristas, jornalistas, cientistas sociais, dentre outros, procuram compreender e elucidar um desafio estrutural desse fenômeno: a ausência de motivos produzindo situações de ataques contra alguém.

Rigby (2002, 14) ao refletir sobre os aspectos e perspectivas do *bullying* apontou um conjunto de problemas que são identificados nessa situação, ou seja, “the nature of the personalities of bullies and victims; the health consequences of peer victimisation; the impact of the ethos of institutions, such schools, workplaces and prisons, on bullying; the link between bullying and crime, community and cultural factors relating to bullying”<sup>1</sup>. De fato, esses aspectos são capazes de demonstrar a complexidade de um problema que é social, cultural e ideológico.

O *bullying* não é um fenômeno novo. Rigby (2002) destaca, por exemplo, que os Salmos, presentes na Bíblia, são um espaço em que as pessoas descrevem sua experiência de violência, lugar em que são “continually

1 Tradução livre: “a natureza da personalidade do valentão e vítimas; as consequências da vitimização para a saúde dos pares; o impacto do ethos da instituição, como escolas, lugares de trabalho a prisão, sob o bullying; a ligação entre bullying e crime, comunidade e fatores culturais relacionados ao bullying”.

victimised; victims of persecution”<sup>2</sup>: “Meus inimigos me ultrajam o dia todo e me amaldiçoam, furiosos contra mim” (Salmo 101, 9). Como diz Conn (2004, 30), “the essence of bullying is a power imbalance between the bully and the victim”<sup>3</sup>. Aquilo que se identifica como a fraqueza da vítima contribui para justificar o que é injustificável: a agressão.

No entanto, a questão do *bullying* tem tomado um contorno e uma direção interessante. Ele é um fenômeno e uma situação, principalmente no Brasil, considerado como um elemento da vida na escola. O *bullying* tem assim uma configuração que se diferencia, conforme Calhau (2011, 6) “das brincadeiras próprias da infância”, tomando o caráter “de violência física e/ou moral, de forma velada. Praticados por agressores contra vítimas”. Em se tratando do *bullying* escolar, diz o autor, “as agressões podem ocorrer dentro das salas de aula, corredores, pátios de escolas e até arredores”.

Há, em se tratando do *bullying*, uma linha tênue entre aquilo que poderia ser da ordem de uma “simples brincadeira”, como apelidos, por exemplo, o daquilo se liga à ordem da intimidação. A presença e funcionamento desse vocábulo e da ordem semântica que o configura é tratada por muitos, no Brasil, como um modismo articulado pela mídia, professores e psicólogos. Porém, de acordo com Calhau (2011, 7) uma constante é de comum acordo entre os pesquisadores: os critérios que estabelecem o *bullying* são (1) ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo; (2) desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; e, (3) ausência de motivos que justifiquem os ataques. Além disso, devem ser levados em consideração os sentimentos negativos e as sequelas vivenciadas pelas vítimas.

Para este texto que aqui apresentamos, nós tomamos uma direção diferente de reflexão, ou seja, o nosso interesse é pensar a palavra *bullying*, como um texto, uma formulação que se dá em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas em solo brasileiro. Propomos, portanto, um ensaio de análise. Nós queremos refletir sobre o caráter heurístico e material dessa palavra a partir da observação de determinadas condições de exercício e funcionamento da linguagem: o termo *bullying* nos dicionários de língua inglesa (e com isso explorar a definição

2 Tradução livre: “continuamente vitimizadas; vítimas de perseguição”.

3 Tradução livre: “a essência do *bullying* é um desequilíbrio de poder entre o valentão e a vítima”.

enquanto uma cena enunciativa) e o seu uso e funcionamento na imprensa brasileira, já que esse termo não se encontra ainda dicionarizado no léxico da língua portuguesa no Brasil.

A nosso ver temos dois interessantes exemplares de análise para pensar como a palavra *bullying* é construída como um referente no discurso, sustentada por dispositivos de leitura que são instrumentos de consulta e de informação à disposição da sociedade. De fato, os dicionários assim como o discurso jornalístico atuam na institucionalização social dos sentidos: os dicionários na construção da ilusão referencial, ou seja, a ligação da palavra à coisa, “um dos lugares que sustentam a evidência dos sentidos [...] de estabilização dos discursos” (Nunes 2006, 11) e o discurso jornalístico na busca de promover os “consensos em torno do que seria a verdade de um evento” (Mariani 1998, 145). A isso se acrescenta, ainda, a questão do neologismo e do dizer entre línguas. É assim, nos interstícios da definição e do consenso, isto é, uma referência que pode tudo dizer em uma dada língua, que queremos trabalhar com a formulação da palavra *bullying* que se dá materialmente em um espaço significante de identificação e reconhecimento do sujeito e do sentido.

**2. *BULLYING*: FENÔMENO OU FATO DE LINGUAGEM?** Ao invés de situar o *bullying* em um quadro de enunciação em que a palavra pudesse ter a forma e a marca da ofensa, atingindo as bases narcísicas e de representação do sujeito ou ainda classificá-lo como um neologismo seguindo a indicação dos estudos do léxico do português, nós propomos aqui como lugar de reflexão observar a palavra circulando na sociedade. Nosso gesto de leitura faz com que o termo *bullying*, enquanto figura de enunciação, seja tomado na prática de discurso de uma determinada comunidade. Nessa prática todo e qualquer enunciado definidor pode ser articulado ao que diz Mazière (1989, 48) a respeito do conceito discursivo de definição, ou seja, ele é “o lugar em que se constrói e se pode mostrar o “como se diz” de uma sociedade”.

Essa modalidade de enunciação, ou seja, “o como se diz de uma sociedade” coloca em evidência um verdadeiro “pronto para dizer” marcado pelas relações sociais de força e de distribuição do sentido que produz um discurso muitas vezes transparente, identificável, classificável e homogêneo. É nesse processo que consideramos, por exemplo, um conjunto de discussões que, analisando o *bullying* como um fenômeno —e, portanto,

como um dado natural no mundo—, busca no produto *bullying* atingir seu processo de produção.

Nós partimos aqui da ideia de que a construção do dado não é natural, ela é um gesto teórico. Os dados são os objetos de explicitação de que se serve a teoria para se constituir como tal (Orlandi 1996). Na concepção discursiva que trabalhamos os dados são os discursos. Os discursos, por sua vez, não são objetos empíricos, são efeitos de sentido entre locutores, sendo análise e teoria inseparáveis. Esse procedimento, que desloca a relação dado e fato, nos permite considerar o objeto *bullying* como um acontecimento linguístico no processo de produção da linguagem e não apenas um produto da linguagem. Não trabalhamos com uma apreensão fenomenológica e hermenêutica, mas com o próprio da língua implicado na ordem do simbólico (Orlandi 2001).

Desse modo, palavras como *dignidade, respeito, consideração, reconhecimento*, de fato, aquilo que Haroche y Déloye (2006, 9) apontam como “valeurs contemporaines qui ont structuré notre sensibilité démocratique égalitaire depuis le XVII siècle [...] sont des objets anthropologiques et politiques inscrit et relevant de conditions et de luttes historiques, des objets intangibles et néanmoins fondamentaux”<sup>4</sup>. Mais que objetos antropológicos, políticos e intangíveis, eles são linguísticos e históricos, têm materialidade. E o bullying faz parte desse processo, já que enquanto prática ele perturba e enfraquece os laços que ligam e unem pessoas. Como diz Orlandi (2010, 6-7), o sistema democrático tem a noção de consenso como objeto central, ou seja, um ideal para solucionar satisfatoriamente os conflitos sociais, levando em consideração a instituição de um “nós” coletivo. No entanto, ao pensar o consenso criticamente é possível dizer que as relações sociais não são simétricas, que a lógica contemporânea democrática não é a consensual e sim a da segregação, pois pessoas estão dentro ou fora do campo da sociabilidade. Para nós, o *bullying* é uma prática simbólica, prática que se corporifica no textual com sua historicidade e singularidade. Fere-se o outro com e nas palavras, perturbando e desestabilizando a relação de um indivíduo consigo mesmo e com o outro na sociedade.

4 Tradução livre: “valores contemporâneos que têm estruturado nossa sensibilidade democrática igualitária desde o século XVII [...] são objetos antropológicos e políticos inscritos e determinam as condições e as lutas históricas, dos objetos intangíveis e contudo fundamentais”.

Ao considerarmos a prática *bullying* um elemento da vida social, política e psíquica desconstruímos os mecanismos de estabilidade e de determinação de um objeto, como se ele fosse natural ou estivesse depositado em um banco de dados para consulta. Como diz Paul Henry (1997, 51), “é ilusório colocar para história uma questão de origem e esperar dela a explicação do que existe. Ao contrário não há 'fato' ou 'evento' histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e conseqüências”. A interpretação é uma parte irrecusável da relação do homem com a língua e com a história, e essa é uma relação que não se inscreve no campo da manipulação, da higiene pedagógica do pensamento, da intenção e da mera vontade. Como salienta Orlandi (1996, 47), há algo que está aquém e além do homem, que não se dá no âmbito de seu controle.

**3. BULLYING: MECANISMO DISCURSIVO PARA FERIR O OUTRO?** Ao articular a ideia de que o *bullying* é um mecanismo discursivo nós trabalhamos aqui com duas noções: a de ordem e a de organização (Orlandi 1996). Na instância da organização temos na língua a forma empírica, o conteúdo em si, a evidência de que uma palavra só pode ser aquilo que diz, nomeia e define. De fato, lidamos com efeito imaginário de que o mundo está todo significado e de que a palavra pode abraçar o todo da língua. Nós nos interessamos aqui pela ordem significativa da palavra, momento em que o sujeito que diz, escreve, fala, e, ao fazer isso, se define pela sua relação com um sistema significativo investido de sentidos. Assim, ao definir e dizer o *bullying* o que conta é a instância da formulação em que funcionam ainda o imaginário intenções e estratégias do dizer, porém determinadas pela ideologia e pelo inconsciente, no jogo de diferentes posições do sujeito.

Há o trabalho do interdiscurso —aquilo que fala antes, depois e independentemente— constituindo as redes de filiação ao sentido, atualizando e organizando a repetição do dizer e determinando o intradiscurso, isto é, a linearização do dizer. Para Orlandi (2001, 11) na atualização da memória discursiva (interdiscurso), a formulação se faz materialmente pela colocação do discurso em texto, produzindo a relação sujeito/discurso e articulando a relação autor/texto/comentário. É na formulação que o sujeito tem a sua posição determinada e está sob o efeito da ilusão subjetiva cujo imaginário sustenta a evidência do sentido e a ilusão referencial: x deve e pode dizer x (como se o dizer fosse uma sinonímia, uma unidade indestrutível produzindo a univocidade do sentido).

Assim, para trabalhar com a ideia de que o *bullying* é um mecanismo discursivo, na ordem de enunciação da palavra, nós propomos como primeiro exemplar de análise e reflexão observar a definição dessa palavra nos dicionários de língua inglesa. Para isso selecionamos o verbete *bullying* em três dicionários: o *Oxford Dictionary*, o *Longman Dictionary* e o *Cambridge Dictionary*. É nosso interesse trabalhar e explorar a cena de enunciação desse termo em um arquivo que tem a aura de discurso sério, sem falhas e de uma definição modelar e estável. Antes de adentrar diretamente na análise dos verbetes falemos um pouco dos dicionários.

O dicionário é um documento de estudo muito interessante. Isso se dá porque ele é considerado um objeto de consulta que apresenta o significado das palavras, do léxico de uma língua, legitimado por um especialista que produz a definição. Como um depósito em que se encontra a evidência dos sentidos das palavras, à disposição dos leitores, há um funcionamento referencial que sustenta a ilusão do termo-a-termo no jogo entre a palavra e a coisa. Essa referenciação tem um efeito imaginário interessante: uma descrição capaz de sustentar uma definição universal de um termo lexical, técnico ou científico. Como se a palavra pudesse ser uma formulação saturada, isto é, posta globalmente em relação com outras formulações, flutuando e isoladas apaga-se com esse efeito as possibilidades de variação das formas de definição assim como os deslocamentos de sentidos dentro de um *corpus* definido.

As especificidades da construção de um verbete são assim ancoradas por dois processos: as condições de produção de um dicionário, glossário ou enciclopédia tendo em vista a concepção particular que este dispositivo quer produzir e a forma de definição que se escolhe. Para Rodriguez (2003, 67), ao se definir o sentido de uma palavra o que está em funcionamento não são os dados da realidade natural, mas um processo discursivo, histórico e social em que os sujeitos se constituem com o mundo. Para a autora a ligação entre o verbete e a definição é articulada pela relação metáfora e paráfrase, em que os processos parafrásticos (o retorno ao mesmo espaço do dizer) produzem as metáforas (efeito semântico que dá referência aos elementos do saber) abrindo um lugar para a interpretação.

A noção de efeito metafórico, tal qual articulada pela Análise de Discurso, permite na análise de um verbete observar o jogo que instaura a seleção e a identificação do elemento significante que se deseja definir. Uma palavra por outra, como diz Pêcheux (1988), é o que está em funcio-

namento na metáfora. Nessa conexão de um no outro, do mesmo no diferente, elementos vão sendo articulados para determinar um fato de linguagem.

Como diz Nunes (2006, 40), os enunciados definidores constroem diferentes cenas enunciativas no processo de construção da cena definidora sob a rubrica de um nome, de uma palavra. De fato, é na formulação de um verbete que o sentido toma corpo (Orlandi 2001, 9), pois a instância da formulação do discurso é a que desenha as circunstâncias particulares de atualização do sentido e não as palavras em si. É nela que “o sujeito diz o que diz. Em que se assume como autor. Representa-se na origem do que diz com sua responsabilidade, suas necessidades” (Orlandi 2001, 10). Assim, o analista torna opacas as definições trabalhando com a ideia de que os sentidos, nas redes de significação que o constituem, podem ser sempre outros.

Nós consideramos o verbete *bullying* nos dicionários de língua inglesa uma prática de discurso. O dicionário é assim “o produto de uma prática exercida em determinadas conjunturas” (Nunes 2006, 18). Como um discurso ele tem uma história que constrói e atualiza uma memória, reproduz e desloca sentidos, produzindo um dizer historicamente estabelecido. O dicionário é ainda um espaço de memória discursiva, pois como diz o autor (Nunes 2006, 25) ele consiste em um trabalho sobre o já dito articulando no dizer a seleção, a reformulação, a retomada, a ruptura.

Levando em consideração esses aspectos é importante ressaltar a entrada, inscrição e funcionamento da palavra *bullying* nas condições de produção do discurso no Brasil. Se considerarmos *bullying* apenas como um neologismo, ou seja, o produto de um empréstimo e integração de um item lexical no contato entre comunidades linguísticas, nós apagamos e denegamos o trabalho do já dito em nome de uma “adaptação semântica do estrangeirismo a outro idioma” (Alves 1990, 78). É nesse sentido que dizemos que o neologismo é um acontecimento discursivo, porque a entrada de uma palavra no léxico de uma determinada comunidade linguística é uma prática simbólica. Há ali relações interparafrásticas, ou seja, não podendo dizer um fato em sua própria língua o outro é convocado para falar e nomear. Diz-se o mesmo, no diferente, com o outro. Observe-mos, portanto, como é construída a cena de enunciação da palavra *bullying* nos dicionários de língua inglesa.



(1) *Oxford Dictionary*

bully1 (bul-ly)

*noun* (plural bullies)

a person who uses strength or power to harm or intimidate those who are weaker.

*verb* (bullies, bullying, bullied)

[with object]

use superior strength or influence to intimidate (someone), typically to force him or her to do what one wants: a local man was bullied into helping them

Origin:

mid 16th century: probably from Middle Dutch *boele* 'lover'. The original usage was as a term of endearment applied to either sex; later becoming a familiar form of address to a male friend. The current sense dates from the late 17th century.[http://oxforddictionaries.com/definition/bully?region=us&q=Bullying+#bully\\_2](http://oxforddictionaries.com/definition/bully?region=us&q=Bullying+#bully_2)(2) *Longman Dictionary*1 - bully *noun*bully /boli/ *plural* bullies [countable]

someone who uses their strength or power to frighten or hurt someone who is weaker:

*Bullies are often cowards*2 - bully *verb*bully *past tense* and *past participle* bullied, *present participle* bullying, *third person singular* bullies [transitive]

1 to threaten to hurt someone or frighten them, especially someone smaller or weaker

2 to put pressure on someone in order to make them do what you want

bully somebody into (doing) something

*Don't let them bully you into working on Saturdays.*—bullying *noun* [uncountable]

an attempt to tackle the problem of bullying in schools

bully off

*phrasal verb*

to start a game of HOCKEY

3 - bully *adjective*

bully - bully for you/him etc

*spoken* used when you do not think that someone has done anything special but they want you to praise them:*Yes, I know you've done all the dishes. Bully for you!*4 - bully boy *noun*

bully boy [countable]

*British English informal* someone who behaves in a violent and threatening way<http://www.ldoceonline.com/search/?q=Bullying>(3) *Cambridge Dictionary*

Bully

Definition

to hurt or frighten someone who is smaller or less powerful than you, often forcing them to do something they do not want to do

Our survey indicates that one in four children is bullied at school.

Don't let anyone bully you *into* doing something you don't want to do.bullying *noun*

Bullying is a problem in many schools.

[http://dictionary.cambridge.org/dictionary/british/bully\\_1?q=Bullying](http://dictionary.cambridge.org/dictionary/british/bully_1?q=Bullying)

Para a análise dos verbetes é preciso levar em consideração a singularidade de cada dicionário. Nós optamos aqui por recortar os verbetes dos dicionários publicados na internet dado o efeito que ele produz: um acesso em rede que se quer universal. O estudo discursivo da produção de verbetes permite mostrar, como aponta Nunes (2006, 34), as paráfrases de um a outro e a constituição do verbete enquanto unidade de língua ou descrição de coisas, tal qual a enciclopédia.

A estruturação do verbete *bullying* nos dos três dicionários com os quais trabalhamos possuem algumas marcas interessantes: a descrição gramatical do termo com indicação da classe de palavras, tempo do aspecto verbal, a pronúncia da palavra e o funcionamento linguístico do termo através de sentenças. O *Oxford Dictionary* é o único a apresentar um campo de indicação para a origem da palavra, marcando assim o aparecimento do vocábulo na história e memória da língua. Para a análise do termo *bullying*, enquanto um verbete, nós levaremos em consideração a questão do nome. Isso se dá por conta do efeito linguístico dessa categoria: a de definir e conceituar o estado de algo.

- (1) *Oxford Dictionary*  
*noun (plural bullies)*  
*a person* who uses *strength* or *power* to *harm* or *intimidate* those *who are weaker*.
- (2) *Longman Dictionary*  
*bully* /bʊli/ *plural bullies* [countable]  
*someone* who uses their *strength* or *power* to *frighten* or *hurt* someone *who is weaker*:  
*Bullies are often cowards*  
 4 - *bully boy* *noun*  
*bully boy* [countable]  
*British English informal someone* who behaves in a violent and threatening way
- (3) *Cambridge Dictionary*  
*Bully*  
*Definition*  
*to hurt* or frighten someone who is smaller or less powerful than you, often forcing them to do something they do not want to do  
 Our survey indicates that one in four *children* is bullied at school.  
 Don't let anyone bully you *into* doing something you don't want to do.  
*bullying* *noun*  
 Bullying is *a problem* in many schools.

Um primeiro aspecto que gostaríamos de indicar, na composição dos verbetes, é uma estabilidade na construção discursiva da identificação do objeto. Isso se dá através de um jogo em que a questão gramatical atualiza um efeito de saber e de conhecimento sobre a língua. Há, no fio do discurso, uma relação entre o nome e o fato. Tem-se, portanto, na entrada dos verbetes, uma seguinte marcação: *noun* (nome) *bully* (singular) e *bullies* (plural) e, após a descrição, o referente que nos interessa: *bullying*.

Essa divisão, no processo de definição de um referente é aqui muito importante. Na ordem da língua inglesa, o nome (*noun*) pode ser marcado através da forma singular e plural. Assim, um substantivo pode ser contável (*countable*), e o que sustenta isso é a marca singular e plural, ou incontável (*uncountable*), que só existe no singular. Essa marca contável e incontável não existe no português do Brasil<sup>5</sup>. A marca do *countable noun* identifica o ser, a coisa. A marca do *uncountable noun* acentua uma categoria, função ou gesto. Assim, *bully* e *bullies* marcam um ser e *bullying* marca uma tática e ou comportamento.

Na formulação dos verbetes essa particularidade do funcionamento da língua inglesa é importante. *Bully/bullies* marcam e identificam os elementos em ação no *bullying*: de um lado temos [*a person, someone, someone, to hurt, a problem*] e do outro lado [*who are a problem, weaker, children*]. Esses elementos constroem o fundamento aparente da identificação da coisa: há pessoas, que não sabemos definir, cuja ação principal é ferir e causar problemas, a quem já tem problemas, é fraco ou criança. Há nessas formulações um jogo interessante, ou seja, quem pratica o *bullying* (comportamento) é um sujeito indefinido, contudo se sabe da

5 O *countable noun*, em seu funcionamento, é da ordem de uma marcação que se sustenta na forma singular e plural. Assim, tem-se: *an orange* (laranja); *oranges* (laranjas). O *uncountable noun* tem apenas uma forma e sua marca é singular: *watter* (água), *rice* (arroz). Está em jogo aqui uma categoria que não pode ser ampliada e flexionada, porque há algo em sua própria substância constitutiva que impede isso. De fato, há coisas, seres e substância que podem ser contadas em número e outras que não podem ser contadas. No português do Brasil, o funcionamento do contável e do incontável é de outra ordem. Ela pode acontecer através da flexão de número (singular e plural) e grau (aumentativo e diminutivo). Os estudantes brasileiros, aprendizes de língua inglesa, têm muita dificuldade em compreender esse tópico do *countable* e *uncountable noun*. Isso, porque em português podemos dizer “uma água; duas águas; as águas do rio Paraná” ou ainda “três cafés”. É óbvio que nesse funcionamento não se conta o líquido, o pó (a substância), mas essa é uma particularidade do português. Funciona aí a elipse: em “águas”, pode estar em jogo “duas garrafas, duas taças, duas xícaras”. Conta-se um suporte, mas isso se reflete e se marca também objeto, no referente.

ação previamente planejada (tática) de ferir e causar problemas, contra um sujeito definido e bem qualificado.

O *bullying* é assim construído enquanto uma cena enunciativa pragmática: ação consciente de um indivíduo com o objetivo de atacar aquele que é identificado como um fraco. Nós chamamos essa cena enunciativa de pragmática porque se define previamente a atividade de linguagem que se pratica: dominar e violentar o outro que se vê como um sujeito enfraquecido. A definição da palavra naturaliza e identifica uma prática, um mecanismo simbólico de violência. Além disso, a definição nos mostra, no dizer de uma sociedade, como as relações de poder são simbolizadas. O dicionário ao definir um fato o coloca na história. O dizer de uma palavra é um acontecimento discursivo, um gesto simbólico de violência já-lá, depositado na memória de arquivo.

Um segundo aspecto que gostaríamos de apontar é a presença de um conjunto de palavras que se definem pelo seu uso: *strength, power, harm, intimidate; strength, power, frighten, hurt; behaves*. Essas palavras, para além de adjetivos que procuram qualificar ou atribuir algo ao *bully*, funcionam como elementos em uso nessa prática. O *bullying* é assim um gesto que se pratica empregando o uso da força, do poder, da injúria, da intimidação, do medo, da dor. Em suma, tal qual a formulação, ele é comportamento, portanto, é um dado natural no mundo. A cena de enunciação dos verbetes dá para a palavra *bullying* uma existência no mundo, faz dela um acontecimento, uma “coisa a saber”. Enquanto um objeto semântico, o *bullying* tem uma função: tornar evidente no mundo um fenômeno indeterminado, cujo sentido é violentar e humilhar o outro praticando a linguagem.

Em nosso segundo recorte de análise gostaríamos de observar o termo *bullying* funcionando nas condições de produção de discurso no Brasil. Para isso selecionamos um conjunto de reportagens da imprensa brasileira em que se procura definir para o leitor o sentido desse termo. Optamos pelo discurso jornalístico por conta da instância da circulação da palavra, momento em que “os dizeres são como se mostram” (Orlandi 2001, 11). Nosso interesse é explorar como a palavra *bullying* acontece, se formula e circula no Brasil. De fato, o nosso intuito ao trabalhar com a discursivização do cotidiano é observar como uma palavra é praticada, institucionalizada e repetida. A nosso ver não é suficiente afirmar que *bullying* é um neologismo, porque isso apaga as especificidades de constituição da formulação e circulação da palavra.

Como recurso metodológico nós efetuamos uma busca da palavra *bullying* no site do arquivo digital do jornal *Folha de São Paulo*, um importante periódico brasileiro. Nessa busca, o termo *bullying* apareceu em 504 reportagens entre o ano de 2003 até início de maio de 2012. Nós selecionamos reportagens em que a palavra *bullying* fosse definida para os leitores, buscando compreender como esse termo acontece na narrativa jornalística brasileira, já que “a narratividade é o que permite a recomposição interna dos discursos em função das variações e mudanças históricas” (Mariani 1998, 230). Vejamos os dois recortes selecionados:

(4) *Folha de São Paulo*

Cotidiano - São Paulo, quinta-feira, 20 de fevereiro de 2003

Violência moral pode levar jovem a reações extremadas

Antônio Gois - Da Sucursal Do Rio - Armando Pereira Filho - Da Reportagem Local

[...] A professora e os coleguinhas diziam que ele tinha perdido a língua. A brincadeira, aparentemente inocente, causou o bloqueio na fala. [...] *O termo mais usado para definir esse problema é “bullying”, que em inglês pode significar tirania, ameaça ou intimidação. No Brasil, ainda não há uma palavra consensual.* O termo violência moral é adaptação do francês assédio moral, mas há quem defenda outros. “Não há ainda uma palavra no Brasil que defina o “bullying”. Em geral, são situações de maus-tratos, opressão e humilhação que acontecem entre as crianças”, explica Lauro Monteiro Filho, presidente da Abrapia. O “bullying” resume situações em que o aluno é, com frequência, ameaçado, extorquido, insultado, excluído ou simplesmente apelidado com algum nome preconceituoso ou que não goste.

(5) *Folha de São Paulo*

Folhateen - São Paulo, segunda-feira, 09 de junho de 2003

BRINCADEIRAS DE MAU GOSTO - Pesquisa mostra que ofender colegas nem sempre é inofensivo

Amiguinhos da onça

Antônio Góis - Da Sucursal Do Rio - Fernanda Mena Guilherme Werneck - Da Reportagem Local

[...] Dos 5.482 alunos, de 5ª a 8ª série, de 11 escolas públicas e particulares do Rio de Janeiro que foram ouvidos na pesquisa, mais de 40,5% admitem ter praticado ou ter sido vítimas de “bullying” —*palavra em inglês que é usada com o sentido de zoar, gozar, tirar, ameaçar, intimidar, humilhar, isolar, perseguir, ignorar, ofender, sacanear, bater, ferir, discriminar e, ufa, colocar apelidos do mal* [...] “O “bullying” se caracteriza por agressões físicas ou morais repetitivas, o que configura uma situação de abuso de poder”, explica o médico Lauro Monteiro Filho, secretário-executivo da Abrapia.

Nestes dois recortes é possível observar que a palavra *bullying* é associada, nas condições de produção do discurso jornalístico, ao universo escolar. Há um fato de linguagem e é necessário significá-lo e administrá-lo socialmente na ordem do sentido público. A palavra *bullying* (enquanto um acontecimento de linguagem) tem seu sentido organizado e ancorado

no dizer do discurso jornalístico referindo-se a uma questão da vida escolar. Nesse processo há uma didatização da palavra, pois é preciso representá-la em termos de sentidos familiares na metalinguagem particular à sociedade brasileira.

No primeiro recorte é importante ressaltar como a palavra *bullying* é formulada na cena de enunciação jornalística no Brasil: ela é designada como um termo da língua inglesa e tem a sua significação articulada por um pré-construído, ou seja, o efeito do discursivo ligado ao encaixe sintático, como se este elemento de uma outra língua já se encontrasse dito na língua portuguesa e fosse um conteúdo do pensamento. O efeito do pré-construído faz com que o dizer apareça como um “puro já-dito” (Pêcheux 1988, 167) garantindo a identidade e estabilidade do referente discursivo. O “já dito” da língua inglesa perde a sua face estranha para figurar aqui como um termo familiar. *Bullying* é identificado como um “*problema*” no universo escolar brasileiro associado à prática da “*tiranía, ameaça ou intimidação*”.

Mesmo que no Brasil não haja uma palavra consensual —regida pela tirania do sentido— *bullying* tem sua identidade discursiva definida em uma relação de referência ao inglês, o que sustenta um retorno à evidência primeira e original do sentido. E por este gesto ela produz um passado, já que para se falar de *bullying*, no Brasil (e arriscaria aqui, nos países que não são anglofones) a condição do legível de uma situação se dá em relação ao próprio legível. Dito de outro modo, face a um texto que surge como acontecimento a ler, a falar, a debater a memória discursiva restabelece os implícitos (discursos transversos, elementos citados e relatados) de que sua leitura necessita (Orlandi 2012, 63).

A cena de enunciação, no segundo recorte, define *bullying* através de uma pesquisa realizada na escola entre estudantes questionados sobre essa prática. Assim, as pessoas que compõem o corpo escolar, sobretudo os alunos, são designados como aqueles que praticam e são vítimas do *bullying*. Essa designação produz uma imagem interessante: o *bullying* é mostrado como uma cena pragmática que se dá entre um algoz e sua vítima. O interessante desse recorte é a cadeia de associação a qual *bullying* é referido. Isso se dá por conta do efeito enunciativo da reportagem cujo caderno do jornal se dirige ao público jovem. Há uma cadeia de palavras em que se empregam termos falados entre os jovens brasileiros, como por exemplo, “zoar, sacanear,” e um conjunto de palavras que procura identificar o termo *bullying* em português.

Esse processo de sintagmatizar elementos substituíveis é da ordem do fenômeno da paráfrase, e que se procura representar, como diz Orlandi (1999, 36), o retorno aos mesmos espaços do dizer. As diferentes formulações têm por objetivo tornar o dizer sedimentado, saturado e definido em língua portuguesa. Mantém-se o termo em língua inglesa fazendo intervir o mesmo e produzindo um termo familiar, afetando os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua. O termo *bullying* passa a significar em língua portuguesa como a ação violenta e humilhante entre estudantes, uma prática simbólica com o objetivo de fazer o outro sofrer.

Desse modo, a definição do termo *bullying*, que se dá no espaço entre línguas, faz da interpretação um incontornável que retorna sempre. Assim, em se tratando do termo *bullying*, não há uma origem do sentido no inglês e a transposição de sentido de uma língua para outra. O que há é a construção dos limites do sentido, isto é, silêncios, sentidos não ditos, sentidos a se dizer (Orlandi 2012). Em uma sociedade, como a nossa, dividida e atravessada pelo político, nunca se diz a mesma coisa, no acontecimento da palavra e da formulação. Como tão bem diz Orlandi (2012), todo discurso produz uma mexida na rede de filiações e acontece em condições de produção específicas.

A história de uma palavra é da ordem da história de uma política do dizer de uma sociedade. Há uma memória discursiva que constitui a atualidade e o esquecimento do que dizemos. Ao dizer, nós estamos condenados à interpretação, pois faz parte de nossa vida a significação. Nós nomeamos, enquanto sociedade, nossas práticas de violência. O político aí não é só da ordem da ambigüidade. Ele é da ordem do equívoco, ou seja, das práticas simbólicas que empregamos para atar e também desatar o laço social.

A nossa prática de dizer se constitui e circula em uma sociedade capitalista. E isso funciona de duas formas: (a) usar a força da palavra contra o outro é da ordem da verticalidade, ou seja, em uma sociedade de classes há quem deve ser excluído, posto para fora do mundo; (b) a força da palavra contra outrem é da ordem de uma sociedade em que o que prevalece é uma relação lugar. Ou se está dentro ou se está fora. Funciona aqui, como salienta Orlandi (2010, 13), a segregação. O laço social é assim articulado por relações individualistas e fragmentárias.

As manifestações materiais das palavras devem ser pensadas levando em conta as condições materiais de existência dos sujeitos nas suas rela-

ções com a sociedade. O nosso imaginário social é da ordem da completude, da reciprocidade e da solidariedade. Mas não podemos esquecer que o real do sentido é fragmentação, desagregação, rivalidade, competição, marginalidade. Na aparente harmonia social, “apaga-se o conflito, silenciando o político” (Orlandi 2010, 14).

**4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.** Em nosso percurso de reflexão nos propomos a pensar o caráter heurístico e material do termo *bullying*, analisando a formulação dessa palavra em dois recortes de trabalho: os dicionários de Língua Inglesa e a Imprensa do Brasil. Nós articulamos, ainda, dois conceitos fundamentais para desenvolver as análises: o de definição e o de formulação. Trabalhar com esses conceitos nos permite problematizar o campo no qual a tomada efetiva da palavra se dá e perturbar, ainda, o sentido que ali figura: o caráter ofensivo do *bullying*, um terreno fértil em que a violência predomina.

Assim, ao trabalhar com o próprio da língua implicado na ordem do simbólico é possível observar, pelo fio do dizer, um processo de institucionalização da violência materializados na formulação da palavra *bullying*. Na definição e formulação da palavra *bullying*, processo esse que é histórico e social, nós atestamos, naturalizamos e legitimamos, enquanto sociedade, práticas simbólicas de violência. A nossa análise permite dizer que o *bullying*, para além de um fenômeno atual, é um mecanismo discursivo social em que se pratica a linguagem para violentar e ferir o outro.

O *bullying*, na cena enunciativa pragmática dos dicionários de língua inglesa e na imprensa do Brasil, coloca como questão o individualismo da sociedade e o problema histórico e atual que é o de como tratar o outro, ou seja, aquele com quem eu existo. Como diz Enriquez (2006, 36), “dois-je respecter sa dignité ou au contraire l'éliminer d'une manière ou d'une autre par la violence, et donc le faire succomber sous le poids de l'humiliation”<sup>6</sup>. Enquanto um mecanismo discursivo o *bullying* consiste em produzir, na prática da palavra, a imagem de um sujeito desvalorizado, ferindo assim a sua subjetividade.

A cena pragmática de enunciação do *bullying*, tanto nos dicionários de língua inglesa quanto na cena jornalística brasileira, sustenta uma violência, um problema indefinido. Desse modo, é no espaço da indeterminação,

6 Tradução livre: “devo eu respeitar sua dignidade ou ao contrário eliminá-la de uma maneira ou de outra pela violência e, portanto, fazê-lo sucumbir sob o peso da humilhação”.



do absurdo, do *nonsense*, que acontece e se realiza a relação entre uma coisa e seu nome. Há, assim, um sujeito indeterminado (*a person, someone*), cujo sinônimo poderia ser “todos” (eu, você e nós), cuja pragmática subjetiva (uma ação violenta) é da ordem de uma recusa da alteridade. A alteridade frágil faz aparecer algo insustentável, em nosso tempo: a fraqueza, a incompletude. Esse processo se constitui em nome de uma “normalidade” que historicamente se impõe. Em nossa sociedade globalizada, a política da normalidade e da imposição nunca foi tão forte, normalidade essa que tem uma forma biológico-natural e jurídico-institucional (Gadet e Pêcheux 2010, 196).

A inserção da palavra *bullying*, na língua portuguesa, não deve ser apenas localizada e discutida, em termos lexicais, como uma questão referente ao neologismo. Esse gesto apaga o político das relações sociais. A política da língua. Ela, a palavra, é um acontecimento discursivo, porque no processo de constituição, formulação e circulação de um termo, produzimos um sentido singular para falar em nossa própria língua do *bullying*: um problema de violência com e na linguagem, nas escolas do Brasil.

Nós falamos dessa violência não em inglês ou português, mas na materialidade da língua, porque se olharmos para nós mesmos, nós seremos obrigados a encarar a nossa contradição e o insuportável da adversidade possível. Para além da discussão que se pode fazer da distinção entre língua materna e estrangeira, da dicionarização das palavras, da presença de estrangeirismos na língua portuguesa, nós falamos línguas no português brasileiro. E esse falar, que acontece na língua, é também índice de hostilidade, intolerância, agressividade e violência. Como bem enunciou Freud (1978, 141), o sofrimento que deriva do nosso relacionamento com outros homens talvez nos seja mais penoso que qualquer outro.

#### CORPUS

Oxford Dictionary. 2012. Data de consulta, 08 de maio.

<http://oxforddictionaries.com/definition/bully?region=us&q=Bullying+#bully>

Longman Dictionary. 2012. Data de consulta, 08 de maio.

<http://www.ldoceonline.com/search/?q=Bullying>

Cambridge Dictionary. 2012. Data de consulta, 08 de maio.

[http://dictionary.cambridge.org/dictionary/british/bully\\_1?q=Bullying](http://dictionary.cambridge.org/dictionary/british/bully_1?q=Bullying)

Jornal Folha de São Paulo. 2012. Data de consulta, 08 de maio.

<http://search.folha.com.br/search?q=bullying&site=jornal&sr=501>

## BIBLIOGRAFIA

- Alves, Ieda Maria. 1990. *Neologismo: Criação lexical*. São Paulo: Editora Ática.
- Calhau, Lélío Braga. 2011. *Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão*. Niterói, RJ: Impetus.
- Conn, Kathleen. 2004. *Bullying and harassment: A legal guide for educators*. USA: ASCD.
- Déloye, Yves e Haroche, Claudine. 2006. "Introduction: Le sentiment d'humiliation". Em *Le sentiment d'humiliation*, organizado por Yves Déloye e Claudine Haroche, 9-14. Paris: Éditions de Press.
- Enriquez, Eugène. 2006. L'autre comme objet de la violence humiliante. Em: *Le sentiment d'humiliation*, organizado por Yves Déloye e Claudine Haroche, 35-48. Paris: Éditions de Press.
- Freud, Sigmund. 1978. *Cinco lições de psicanálise. O mal-estar na civilização*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. São Paulo: Abril Cultural.
- Gadet, Françoise e Michel Pêcheux. 2010. *A língua inatingível*. Trad. Bethânia Mariani e Maria Elizabeth C. de Mello. Campinas: Editora RG.
- Henry, Paul. 1997. "A História não existe?" Em *Gestos de leitura*, organizado por Eni Orlandi, 29-55. Campinas: Editora da Unicamp.
- Mazière, Francine. 1989. *O enunciado definidor: discurso e sintaxe*. Em *História e sentido na linguagem*, organizado por Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes.
- Mariani, Bethania. 1998. *O PCB e a imprensa: Os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Nunes, José. Horta. 2006. *Dicionários no Brasil: análise e história*. Campinas, SP: Pontes.
- Orlandi, Eni Puccinelli. 1996. *Interpretação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- . 2001. *Discurso e texto: Formulação e circulação de sentidos*. Campinas, SP: Pontes.
- . 2012. *Discurso em análise: Sujeito, sentido e ideologia*. Campinas, SP: Pontes.
- . 2010. "Formas de individuação do sujeito feminino e sociedade contemporânea: O caso da delinquência". Em *Discurso e políticas públicas urbanas: A fabricação do consenso*, organizado por Eni Orlandi, 11-42. Campinas: Editora RG.
- Pêcheux, Michel. 1988. *Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Rigby, Ken. 2002. *New perspectives on bullying*. UK: Kingsley Publishers.
- Rodriguez-Alcalá, Carolina. 2003. "Entre o espaço e seus habitantes". Em *Para uma enciclopédia da cidade*, organizado por Eni Orlandi, 65-84. Campinas, SP: Pontes, Labeurb/Unicamp.

**Marcos Aurélio Barbai**

Labeurb, Nudecri, Universidade Estadual de  
Campinas

[barbai@unicamp.br](mailto:barbai@unicamp.br)

Trabajo recibido el 12 de agosto de 2013 y aprobado el 24 de febrero de 2015.